

O adeus in(digno) de Brittany Maynard?!

Farewell in (worthy) of Brittany Maynard?!

Leo Pessini*

William Saad Hossne**

Jovem, linda, recém-casada, com sonho de constituir família como tantos outros jovens, inesperadamente descobre o diagnóstico fatal de ser portadora de câncer cerebral incurável (glioblastoma multiforme), em janeiro de 2014. Em abril, os médicos prognosticam sobrevida em torno de seis meses. Perante uma perspectiva crescente de muita dor, sofrimento e dependência de seus entes queridos, Brittany toma a decisão de não mais viver e nessa decisão tem o irrestrito apoio de seu marido e pais. Muda-se na metade do ano de 2014 com a família, marido e pais, da Califórnia para Portland, Capital do Estado do Oregon, um dos cinco Estados americanos dos EUA, em que o suicídio assistido é legalizado. Nesse Estado o suicídio assistido foi legalizado em 1997. Nos 17 anos da existência dessa lei (*Death with Dignity Act*), segundo registros oficiais das autoridades sanitárias, 1173 pessoas se valeram da lei, solicitando aos médicos, receitas de drogas letais para pôr fim a própria existência. Desse total, 752 pacientes ingeriam medicamentos para morrer. Isso significa que um número muito grande de pessoas que obtém de seus médicos a medicação fatal, decidem finalmente não tomar e optam por outro tipo de final de vida, sendo que um dos mais procurados é a assistência de cuidados paliativos!

Brittany e sua família tiveram a assessoria de uma organização de defesa a legalização do suicídio assistido, denominada “*Compassion and Choices* (compaixão e Escolhas). O vídeo em que Brittany anuncia sua decisão de abreviar sua vida, para o dia 1º de novembro de 2014, tomando um coquetel de barbitúricos com

prescrição médica, teve mais de 10 milhões de visitantes no último mês. A sua história comoveu os EUA e tornou-se um evento mundial, divulgado pelos jornais, rádios e noticiários de TV.

Um de seus últimos desejos que realizou, entre outras viagens a lugares maravilhosos que escolheu visitar antes de sua despedida, foi visitar o Grand Canyon, com o seu marido e pais. A foto de sua visita corre o mundo. Deixa registrado na sua página de internet: “Tive a oportunidade de desfrutar meu tempo com as coisas que mais amo na vida, minha família e natureza”. A experiência, no entanto, não foi totalmente plena e positiva, pois segundo ela, “é impossível esquecer o câncer”. No mesmo texto que ela fala da visita ao Grand Canyon, Brittany diz que “o seu sonho é que todos os que sofrem de doenças terminais possam morrer dignamente da maneira que desejarem”.

Após uma leve hesitação quanto à data de sua despedida, ela fala de sua decisão num vídeo: “não parece ser o momento adequado. Se chegar o dia 2 de novembro e estiver morta, espero que minha família sinta-se orgulhosa de mim e das decisões que tomei. Se chegar o dia 2 de novembro e estiver viva, sei que seguiremos movendo-nos como família, sentindo amor entre nós e sabendo que essa decisão chegará mais adiante”, diz entre lágrimas a jovem Britney.

No dia 3 de novembro a organização “Compaixão e Escolhas” comunica que Brittany morreu no sábado, 1 de novembro, como tinha planejado: “Com tristeza anunciamos a morte de uma mulher querida e maravilhosa,

DOI: 10.15343/1981-8254.20140804467468

* Pós-doutor pela Universidade de Edinboro – Instituto de Bioética James F. Drane, Pensilvânia, EUA. Doutor em Teologia/Bioética. Pós-graduado em Clinical Pastoral Education and Bioethics, St Luke’s Medical Center. Docente do Programa *Stricto sensu* em Bioética (Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado) do Centro Universitário São Camilo-SP, Brasil. E-mail: pessini@saocamilo-sp.br

** Médico. Professor Emérito (Cirurgia) da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Faculdade de Medicina, campus Botucatu-SP, Brasil. Ex-Presidente da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP. Membro do Comitê Internacional de Bioética da UNESCO. Coordenador do programa *Stricto sensu* em bioética (Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado) do Centro Universitário São Camilo-SP, Brasil. E-mail: posbioetica@saocamilo-sp.br

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

Brittany Mayard. Ela morreu em paz, em sua cama, rodeada pela sua família e entes queridos”. Brittany deixa a seguinte mensagem de despedida: “Adeus para todos meus queridos amigos e familiares que tanto amo. Hoje é o dia que escolhi para partir com dignidade em face de minha doença terminal, este terrível câncer cerebral que tirou tanto de mim... mas que poderia tirar muito mais. O mundo é um lugar maravilhoso, as viagens que fiz me ensinaram tantas coisas, meus amigos próximos e pessoas são os maiores dons. Eu tenho apoio deles em torno de minha cama enquanto digito estas palavras... Adeus mundo. Espalhem boa energia”.

Perante a narrativa desses fatos que nos apresentam uma realidade dramática dos últimos dias de vida de Brittany Maynard, surgem sérios questionamentos éticos a respeito do valor da vida humana. Por limitação de espaço, levantamos tão somente alguns.

A cultura norte-americana cultua a autonomia e autodeterminação pessoal em altíssimo grau. Não resta dúvida que são valores importantes ao longo da vida, mas na sua radicalidade, a solidariedade e o cuidado respeito é o que garantiram nossa existência como pessoas até hoje. A “*ideologia do autonomismo*” vai dizer que essa vida quando marcada pela dependência crescente, dor e sofrimento, necessidade de ser cuidado pelos outros, gerando despesas e custos, não vale a pena ser vivida! É melhor morrer do que viver nesta situação. E quando alguém pede para morrer, no fundo está solicitando uma forma diferente de viver, com mais cuidado e afetividade, melhor controle dos sintomas e dor, bem como o cuidado da espiritualidade. No caso de Brittany, tudo isso é trabalhado com uma estética cinematográfica perfeita, num verdadeiro melodrama hollywoodiano pela Organização “Compaixão e Escolhas”, que transforma Brittany em “menina propaganda” para a legalização do suicídio assistido. Um drama pessoal é transformado num drama público mundial. Perguntamos: A tão propagada liberdade de escolha tão preciosa e ciosamente defendida pelos que são pró-suicídio medicamente assistido, estaria sendo preservada nesse contexto, sem qualquer tipo de coerção?

Um outro aspecto interessante é o silêncio em torno da possibilidade de ressignificação de vida nesse contexto, bem como ausência de qualquer referência a qualquer tipo de crença religiosa e espiritualidade. Hoje, facilmente aqueles que se declaram ateus ou agnósticos são aplaudidos e admirados (por exemplo, os neodarwinianos), mas nem isso é mencionado. O silêncio em torno da afirmação ou negação de um ser transcendente se choca com as centenas de mensagens de solidariedade enviadas via e-mail para essa jovem, em que estamos diante de expressões de legítimas expressões de fé, solidariedade e proximidade. Muitos desses solidários manifestantes são pessoas portadoras de câncer em estágio avançado e prestes a se despedir da vida (condição de doença terminal similar à de Brittany), sem cogitarem em abreviá-la, mas estão determinados em desfrutá-la e degusta-la até o último minuto. Tocamos aqui no coração do mistério de nossa existência humana em que somos convidados a respeitar a pessoa, embora sem concordar com a sua opção. Isso é um imperativo em tempos de pluralismo crescente de nossas sociedades em que convivemos sempre mais com “*estranhos morais*”.

Nossa convicção ética defende que, como fomos cuidados para nascer, o mesmo cuidado respeitoso necessitamos no momento de partir desta vida, quando chegada a nossa hora. Esse cuidado respeitoso de partida não se coaduna com corte ou abreviação de vida (eutanásia ou suicídio medicamente assistido), nem muito menos, com um prolongamento doloroso do processo do morrer (obstinação terapêutica ou distanásia), mas com a prática da ortotanásia, ou seja, a morte certa, no momento certo, sem abreviações e nem prolongamentos desnecessários. É o que os cuidados paliativos proporcionam, cuidado respeitoso integral ao todo da pessoa, nas suas necessidades fundamentais, seja de cunho físico (controle dos sintomas e da dor), psíquico, social e espiritual. Esses elementos é que configurariam para nós o que denominamos despedir-se da vida com dignidade e elegância estética!